

## A SALINHA: FORMAÇÃO ESPONTÂNEA DE UM LUGAR SEGURO NUMA ESCOLA DO SERTÃO

Beatriz Loyola Gomes de Vasconcelos<sup>1</sup>

Letícia Gomes da Silva<sup>2</sup>

Lília Camilla Abílio de Souza Silva<sup>3</sup>

Lucas Matheus Alcantara Pereira<sup>4</sup>

Ivo Marinho Silva<sup>5</sup>

### RESUMO

O artigo destaca a relevância dos espaços seguros no contexto escolar e os desafios da ansiedade no ambiente acadêmico, apresentando um estudo de caso que evidencia a formação espontânea de um espaço seguro no campus Afogados da Ingazeira. O ambiente escolar tradicional é identificado como um gerador de ansiedade, com estudos evidenciando sua prevalência global e que a atmosfera escolar como mais relevante que a familiar na relação com a ansiedade dos alunos. Impactos incluem distração durante aulas, redução do ânimo e correlação negativa entre ansiedade e desempenho acadêmico. A ansiedade pode gerar resultados acadêmicos negativos que reforçam estereótipos prejudiciais, afetando o desenvolvimento pessoal, cidadão e profissional a longo prazo. Considerando tal situação sob a ótica da Geografia da Saúde, é válido ressaltar que o "lugar" é entendido não apenas geograficamente, mas também como a interação entre o espaço físico e o lugar no mundo, influenciado pela história, cultura e igualdade. Por essa razão, a constituição de lugares seguros no ambiente escolar é uma ação importante na administração dos índices de ansiedade na academia. Partindo da experiência da construção coletiva de um espaço seguro no biênio 2022-2023, na sala da Coordenação do Curso de Licenciatura em Computação do IFPE campus Afogados; consolidou-se por entrevista semiestruturada com 10 frequentadores desse ambiente ("A Salinha", conforme designada pelos participantes) a codificação inicial do cenário físico e social de um Espaço Seguro Escolar, na esteira da construção de Andrew *et al.* (2023).

**Palavras-chave:** Espaço Seguro, Saúde Mental, Ambiente Escolar, Pedagogia do Acolhimento.

---

<sup>1</sup> Discente do Curso Técnico Integrado em Informática do do IFPE *campus* Afogados da Ingazeira, [blgv@discente.ifpe.edu.br](mailto:blgv@discente.ifpe.edu.br)

<sup>2</sup> Discente do Curso Técnico Integrado em Informática do do IFPE *campus* Afogados da Ingazeira, [lgs12@discente.ifpe.edu.br](mailto:lgs12@discente.ifpe.edu.br);

<sup>3</sup> Discente do Curso Técnico Integrado em Informática do do IFPE *campus* Afogados da Ingazeira, [lcass@discente.ifpe.edu.br](mailto:lcass@discente.ifpe.edu.br);

<sup>4</sup> Discente do Curso Técnico Integrado em Saneamento do do IFPE *campus* Afogados da Ingazeira, [lmap1@discente.ifpe.edu.br](mailto:lmap1@discente.ifpe.edu.br);

<sup>5</sup> Docente de Língua Portuguesa, Inglesa e Práticas de Ensino do IFPE *campus* Afogados da Ingazeira, [ivo.marinho@afogados.ifpe.edu.br](mailto:ivo.marinho@afogados.ifpe.edu.br).

## INTRODUÇÃO

O ambiente escolar desempenha um papel fundamental no desenvolvimento acadêmico, pessoal e social dos estudantes. No entanto, ele também pode se tornar um espaço que gera ansiedade, impactando diretamente o desempenho e a qualidade de vida dos alunos. Diversos estudos demonstram que a ansiedade no contexto educacional é uma preocupação crescente, com efeitos negativos que vão desde a dificuldade de concentração até a redução do ânimo e a piora do desempenho acadêmico (Santana e Cerqueira-Santos, 2014; Yurkina e Shumakova, 2022; Azhar et al., 2023 e Miya et al., 2023).

Nesse cenário, a criação de espaços seguros dentro das escolas surge como uma estratégia relevante para mitigar esses impactos, promovendo um ambiente acolhedor e propício para o aprendizado. Sob a ótica da Geografia da Saúde, o conceito de “lugar” vai além do espaço físico, englobando aspectos culturais, históricos e de relações sociais que definem o sentimento de pertencimento e segurança (Kerns *et al.*, 2009).

Este artigo examina a experiência do campus Afogados da Ingazeira, onde um espaço seguro emergiu espontaneamente e ganhou significado para alunos e professores, oferecendo um exemplo prático de como o ambiente escolar pode ser transformado em benefício da saúde mental e do desempenho dos estudantes.

## METODOLOGIA

O trabalho apresentado é qualitativo, uma vez que se debruça sobre realidades não-quantificáveis (Minayo, 2015). Segundo Gil (2006), essa pesquisa pode ser considerada exploratória.

A princípio, a objetivando estabelecer o estado da arte, usou-se a pesquisa bibliográfica que parte de um “material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (Gil, 2006, p.44).

Em segunda etapa, usou-se uma entrevista semiestruturada como forma de coleta de dados das experiências dos estudantes. Essa entrevista contou com seis perguntas sobre o ambiente sobre o qual artigo trata:

1. Você se sentia bem na salinha?
2. Como era o ambiente, em sua percepção?
3. A respeito de itens físicos do ambiente, do que você gostava?

4. O que você consideraria essencial para tornar o ambiente acolchegante?
5. Você se sentia acolhido(a)?
6. O que poderia ser adicionado à Salinha para torná-la mais acolhedora?

Considerando essas questões, foram entrevistadas 10 estudantes sobre suas experiências no ambiente convencionalmente nomeado pelos estudantes como “A Salinha de Ivo” (referindo ao então responsável pela Coordenação da Licenciatura em Computação e, portanto, à sala em questão), ou “A Salinha”.

O grupo focal foi entrevistado por meio de contato via *Whatsapp*, em que constaram seis perguntas abertas. A entrevista foi conduzida por outras estudantes, participantes do projeto, para evitar enviesamento por contato direto entre pesquisador e entrevistados.

A pesquisa foi realizada dentro dos parâmetros contidos na resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde que dispõe sobre pesquisas envolvendo seres humanos (Brasil, 2012). Esse cumprimento se dá pelo fato de obedecer ao rito de se solicitar aos sujeitos o consentimento para participar da pesquisa, esclarecendo-os sobre os objetivos do estudo e seu direito ao anonimato e ao desligamento voluntário da pesquisa.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

### **O que é um lugar seguro?**

Um lugar seguro pode ser definido como um espaço onde uma comunidade pode se reunir, interagir e buscar apoio sem enfrentar estigmas. Desde 1970, estudiosos da Geografia da Saúde reconhecem a importância do “lugar” para a saúde e bem estar humanos (Gesler, 2003). Nesse sentido, Kerns *et al.* (2009), por exemplo, discorre sobre o papel do “lugar” dizendo que

*(...) place is viewed not only in physical geographical terms, but also as the interaction between the physical place and ‘place in the world’, that is, status and expected roles, influenced by history, culture, tradition and issues of equality. From a health geography perspective, health is viewed holistically through a psycho-socio-ecological lens, while well-being refers to the state of feeling well and the importance of the therapeutic landscape and associated human emotions (Kearns et al, 2009).*

Um espaço seguro é, nesse sentido, uma localização espacial em que se validam as existências, experiências e vivências de um grupo social. É um lugar físico interagindo com um lugar no mundo. Andrew *et al* (2023), contribui definindo como “a therapeutic landscape within the community where people (...) can interact and seek support”.

Nesse cenário, a existência de espaços seguros é condição necessária a quaisquer instituições que prezem pela manutenção do bem-estar e da saúde mental de suas comunidades. De fato, nos alerta Curtis (2016) que “os lugares e a saúde têm efeitos mútuos entre si, pois os estados mentais e as doenças mentais também podem influenciar as formas como os lugares são identificados e interpretados”.

Desde Gesler, que definiu o termo “paisagens terapêuticas” para descrever ambientes que podem ser vistos como “lugares de cura em diversas dimensões físicas, sociais e simbólicas” (Gesler, 2003), outros estudiosos têm se dedicado a entender como esses espaços podem também vir a se organizar em locais como a casa, o hospital e o ambiente natural (Bell *et al.*, 2018; Kearns & Milligan, 2020).

Este trabalho se propõe, portanto, a explorar – ainda que de maneira introdutória – sobre quais aspectos seriam constituintes de um espaço seguro dentro de um contexto escolar ancorando-se, para tanto, nos conceitos de Geografia da Saúde.

### **A ansiedade do ambiente escolar.**

O espaço escolar tradicional é, lamentavelmente, um espaço que promove a ansiedade. Exemplos na literatura apontam para essa realidade em diferentes locais e com diferentes públicos.

Azhar *et al.* (2023), em estudo conduzido com 140 estudantes, comprovam a prevalência de ansiedade entre 82,85% das meninas adolescentes em escolas secundárias em Lahore, Paquistão. Nesse estudo, a maioria dos estudantes adolescentes experimentou níveis leves e moderados de ansiedade (62,9% e 32,7%, respectivamente), com apenas uma pequena porcentagem experimentando ansiedade severa (4,31%). É válido ressaltar que a prevalência de ansiedade permaneceu durante toda a idade da adolescência, com uma diminuição posterior. Essa tendência se reproduz em outros locais.

Miya *et al.* (2023), por exemplo, constataram que entre estudantes do Ensino Médio em Sokoto, Nigéria, a ansiedade no ambiente escolar contribuiu para que 40% dos estudantes se sentissem distraídos durante as aulas. Um número significativo de

estudantes (30%) também relata uma redução em seu ânimo durante as aulas por causa dos efeitos da ansiedade.

Já Yurkina & Shumakova (2022), não só constataram a prevalência da ansiedade em local escolar entre alunos do Ensino Fundamental em Moscou, Rússia, como encontraram uma correlação negativa significativa entre ansiedade escolar e desempenho acadêmico entre alunos do ensino fundamental, evidenciando que estudantes com níveis mais altos de ansiedade escolar tendem a ter menor desempenho acadêmico.

No Brasil, um dos estudos mais significativos nesse sentido, de Santana & Cerqueira-Santos (2014), do qual fizeram parte 62 alunos de uma escolar particular de Aracaju, chegou à conclusão de que (contrariando a expectativa do estudo), não havia relação estatística entre clima familiar e ansiedade dos sujeitos; existindo, no entanto, entre o clima escolar e o estado mental dos estudantes. Dessarte, concluindo que mais do que a atmosfera familiar, a atmosfera acadêmica consegue adoecer estudantes.

Partindo, então, desses pressupostos, os impactos da ansiedade entre os estudantes se dão na escola e pela escola e, embora possam diminuir com o passar do tempo, suas marcas podem permanecer durante toda a vida. Um (a) estudante cuja ansiedade impede de se sentir motivado ou de se manter atento corre o risco de ser taxativamente classificado como um estudante problemático neste ou naquele componente curricular. E esse reforço (negativo) pode contribuir para estereótipos que pesem contra o indivíduo para o resto de sua caminhada dentro e fora da escola.

Não é difícil conceber a situação de um (a) estudante que, eivado pela ansiedade, desempenhe mal em, suponha-se, matemática e que por essa razão não afigure notas aceitáveis pela comunidade acadêmica, reforce os estereótipos de que “é ruim de matemática” e que evite perseguir uma vida acadêmica e profissional em áreas que envolvem esse componente específico.

Define-se, portanto, o impacto extremamente negativo da ansiedade no ambiente acadêmico não somente no sentido imediato (notas, aprovação, promoção para a próxima etapa escolar, etc.) mas também no que concerne ao desenvolvimento do ser humano em sua dimensão pessoal, cidadã e laboral.

### **A formação espontânea de um espaço seguro no IFPE *campus Afogados***

No biênio 2022 – 2023, em um ambiente convencionalmente pensado para atividades administrativas e contato limitado com o público (a sala da Coordenação do

Curso Superior de Licenciatura em Computação), no *campus* Afogados da Ingazeira, construiu-se coletivamente um espaço seguro para estudantes e funcionários.

No que concerne a espaços seguros, é válido mencionar o trabalho de Andrew *et al.* (2023), em que se buscou codificar quais elementos podem constituir-se como cenário social de um espaço seguro para clientes/pacientes de saúde mental. Os resultados desse trabalho se definem em eixos físicos (Espaço interno, Espaço externo e Espaço sensorial) e sociais (Atividades/Comodidades, Regras Gerais e Equipe/Pessoas envolvidas) e embora se voltem principalmente para a realidade de clientes/pacientes de saúde mental, oferecem um esboço para a construção de uma tabela de codificação semelhante em que se percebam itens pertinentes a um espaço seguro no contexto escolar.

O processo de formação da Salinha foi gradativo e guiado pelos interesses dos participantes e pelas condições de atender a esses interesses. No campo físico, a introdução de elementos de consumo como lanches (biscoitos, bolachas, bolo...) e café coado e em cápsulas estava condicionada à doação do professor ou dos participantes que desejassem compartilhar. A introdução de outros equipamentos (cafeteira, bandeja e xícaras, caixa de som, almofadas, violão, pipoqueira...) foi gradativa e em situação de cessão: Aqueles que se sentiam à vontade, compartilhavam por um tempo com os demais.

Note-se que esse processo foi natural e espontâneo, geralmente seguindo um processo simples: Nas conversas, algum participante acabava por mencionar algo de que gostava e isso, em geral, fazia com que os colegas tentassem achar aquilo ou algo próximo daquilo para estar presente. Assim, raramente a própria pessoa que, por exemplo, fosse impactada pela cafeteira seria aquela que a doou. Na maioria das vezes, na verdade, os indivíduos construíam uma relação de ressignificação de valores: perceber que uma pipoqueira que está sem uso em sua casa pode fazer o dia de algum colega ficar melhor e gerar gratidão, por exemplo, é uma experiência de descoberta.

Para além do elemento físico, o elemento humano se organizava de maneira muito simples: Como o ambiente *é/era* sobremaneira um gabinete de Coordenação, havia a obrigação de presença do coordenador em variados turnos. Alguns estudantes se voluntariaram também para ficar nos momentos em que o coordenador não pudesse estar, para garantir um espaço em que as portas abertas fossem a regra, não a exceção.

A condução de conversas nesse espaço se mantinha, inequivocamente, pautada pela Escuta de Alta Qualidade, conforme descrita por Itzchakov e Weinstein (2021). Para os autores, a Escuta de Alta Qualidade é caracterizada por ser atenta, empática e sem julgamentos. Essa disposição de ouvir nesses termos cria no outro maior autonomia,

conexão e autoestima momentânea dos falantes durante conversas difíceis (Itzhakov e Weinstein, 2021).

McCann *et al.* (2019), por sua vez, propõe que “A experiência de ser escutado e, mais especificamente, de sentir-se compreendido pode ajudar a reduzir conflitos, diminuir a dor física e promover a cura emocional”<sup>6</sup>. Em nossa pesquisa, os dados vão ao encontro da proposição dos autores, com a maioria dos estudantes relatando uma sensação de maior bem estar e de receptividade no ambiente.

Por fim, é válido ressaltar que se encontrou um único obstáculo no experimento. Alguns professores relataram descontentamento com a experiência, exibindo preconceitos relativos ao uso do espaço e demarcação de posse em determinadas áreas do ambiente escolar. Ajustes em relação ao volume das conversas, presença (ou ausência) de lanches, volume das risadas e trânsito dos estudantes na sala foram tópicos sensíveis que foram atendidos em sua inteireza. Um fato curioso foi de um dos professores que relatava não conseguir trabalhar dado todo o (suposto) barulho dos estudantes, ter sempre se colocado na sala exatamente nos momentos em que os estudantes iam lá. Em respeito ao docente, os participantes foram instruídos a não mais ir em determinados turnos para que não houvessem prerrogativas para o desgosto do professor. Após três semanas de ausência dos alunos no turno do professor, ele também acabou não indo mais – apesar de ter para si um espaço silencioso que desejasse.

Tais comportamentos podem refletir preconceitos à diminuição de distâncias entre educador e educandos e podem apontar para a manutenção da relação de dominação e superioridade características do professor no cenário de Educação Tradicional.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observa-se no Quadro 1 que os participantes estão em mesma faixa etária e que há equilíbrio de sexo entre as pessoas entrevistadas. Todos se encontram no quarto ano do ensino médio técnico e, portanto, contam com experiências escolares muito semelhantes. Seus nomes foram ocultados para preservar sua identidade e serão referenciados quando oportuno pelas iniciais.

Quadro1: Perfil demográfico dos participantes.

Participante	Idade	Sexo
EL	18	Feminino
GF	18	Masculino

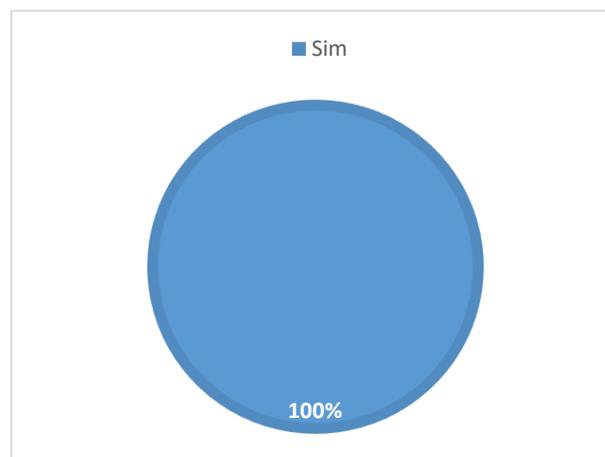
<sup>6</sup> Tradução nossa.

<b>BL</b>	18	Feminino
<b>LK</b>	18	Feminino
<b>JK</b>	18	Feminino
<b>SM</b>	18	Masculino
<b>LM</b>	18	Masculino
<b>PF</b>	18	Masculino
<b>LA</b>	18	Masculino
<b>LC</b>	18	Feminino

Fonte: Autor, 2024.

No intuito de perceber quais elementos parecem ter sido significativos à experiência, foram propostas oito questões que envolvem a percepção dos participantes sobre o lugar seguro que estudamos neste trabalho. O gráfico 1 relata a sensação geral dos frequentadores ao irem ao espaço seguro, concatenada em uma pergunta ampla o suficiente que pudesse ser ponto de partida para a elaboração das próximas: “Você se sentia bem na salinha?”

Gráfico 1: “Você se sentia bem na salinha?”



Fonte: Autor, 2024.

Como se pode notar, a sensação de bem-estar no ambiente em questão foi unânime. É válido salientar que para além do sim, houve elaborações como “[...] sempre me sinto muito bem acolhida” (LK). Nessa frase, é possível ver como elemento causal o adjetivo “acolhida” intensificado por advérbios e relacionada à sua percepção – evidenciada pelo “sinto”. Além disso, é válido ressaltar a porta de entrada dessa elaboração: A palavra “sempre”.

Em outra resposta, segue-se ao “Sim” uma elaboração que evidencia, na percepção do participante uma soma entre aspectos humanos e não-humanos, ao relatar

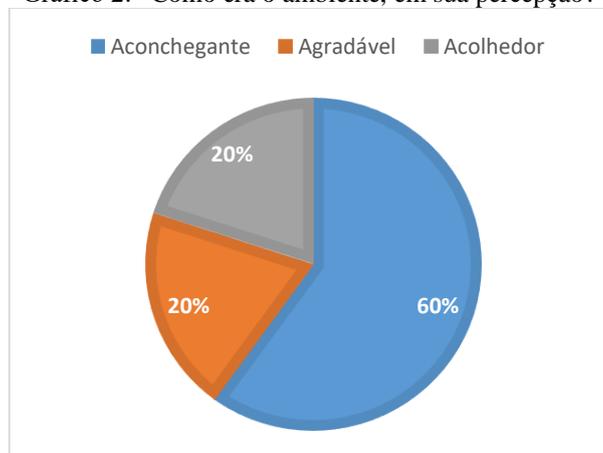
“o espaço em si era muito aconchegante, juntando isso às pessoas presentes na sala, era um ambiente maravilhoso”.

Note-se que SM faz uma equação simples: O elemento não-humano “Espaço”, qualificado como “aconchegante” e intensificado pelo “muito”; ao ser adicionado, isto é, “juntando”, ao elemento humano, culminava em um “ambiente maravilhoso”.

É válido ressaltar que a própria percepção do participante entra em sintonia com os elementos teóricos presentes em Kerns *et al* (2009), que divisam que o lugar é a soma de elementos físico-geográficos àqueles sociais, pessoais e de “lugar no mundo”.

Em relação à segunda questão (Como era o ambiente, em sua percepção?) houve vários adjetivos recorrentes nas falas. Das dez respostas, seis apresentaram o adjetivo “aconchegante”, duas apresentaram o adjetivo “agradável” e duas apresentaram o adjetivo “acolhedor”. Destas duas últimas, uma também qualificou como “super divertido”.

Gráfico 2: “Como era o ambiente, em sua percepção?”



Fonte: Autor, 2024.

Como elementos adicionais nas descrições pessoais sobre o ambiente, é válido ressaltar a fala de JK, ao dizer que “(...) quem ia lá sabe que podia se sentir mais em casa do que na própria casa.” A esse respeito, Van der Graaf (2024), o estado emocional de não se sentir em casa pode se dar por mudanças que levam a um senso de alienação. Tais mudanças devem ser investigadas e compreendidas para se retomar um equilíbrio.

Já na pergunta 3 (A respeito de itens físicos do ambiente, do que você gostava?), sugeriu-se investigar elementos físicos que embasassem essa sensação de bem estar e identificação com o lugar seguro que ora estudamos. Dado que há uma grande sobreposição entre itens, elencamos os dados no quadro a seguir.

Quadro 2: “A respeito de itens físicos do ambiente, do que você gostava?”

Participante	“Lanche e Café”	Almofadas e climatização	Ambiente aromatizado	Música (caixinha de som e violão)
EL	X			X
GF	X	X		X
BL	X	X	X	
LK	X	X		X
JK		X	X	
SM		X		
LM		X		X
PF		X		
LA		X		X
LC	X			X

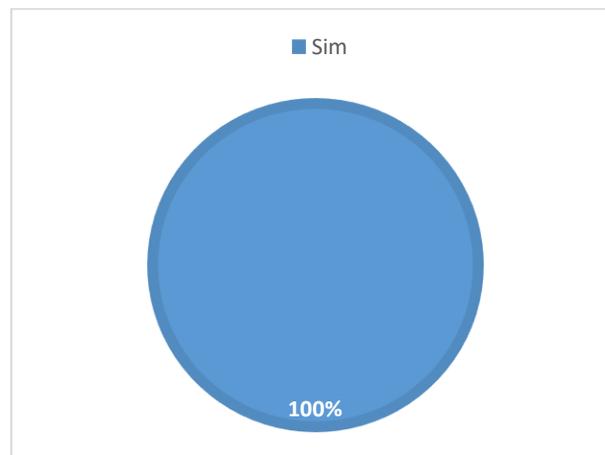
Fonte: Autor, 2024.

Percebe-se que a presença de elementos lúdicos, além de um ambiente confortável e a presença de alimentos são elementos positivos na percepção dos participantes.

No que diz respeito à pergunta 4 (O que você consideraria essencial para tornar o ambiente aconchegante?) tivemos respostas as mais variadas. Entre elas, é válido ressaltar aquelas que se referem à confiança do que era expressado no ambiente (7 respostas) e aquelas que falavam sobre a percepção de serem sempre recebidos com bom ânimo (5 respostas)

Quanto à pergunta 5 (Você se sentia acolhido(a)?) as respostas foram unânimes.

Gráfico 3: “Você se sentia acolhido(a)?”



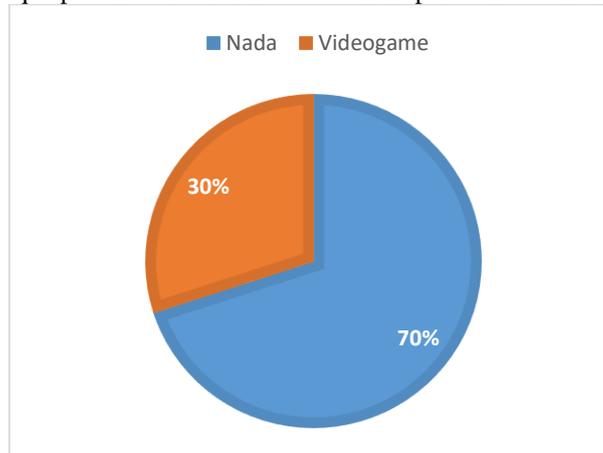
Fonte: Autor, 2024.

Tal resultado expressa que a combinação dos itens apresentados nos confirma um trabalho que aponta na direção correta da construção de lugares seguros usando esses itens.

Por fim, na questão 6 “O que poderia ser adicionado à Salinha para torná-la mais acolhedora?” os estudantes trouxeram a possibilidade de incluir consoles de videogame

que pudessem constituir em mais um elo de confraternização (3 respostas) os demais, afirmaram que o ambiente era suficientemente bom.

Gráfico 4: “O que poderia ser adicionado à Salinha para torná-la mais acolhedora??”



Fonte: Autor, 2024.

A percepção da necessidade de um console de videogame é enxergada como elemento interessante que pode motivar futuras pesquisas sobre a presença de materiais dessa natureza em lugares seguros escolares e quais os possíveis impactos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das conclusões apresentadas, é essencial reconhecer a importância da criação e preservação de espaços seguros no ambiente escolar como uma estratégia para enfrentar o impacto da ansiedade nos alunos. O estudo realizado no campus de Afogados da Ingazeira revela que, além de fornecer um local físico, esses espaços representam uma construção coletiva de acolhimento e apoio, que pode contribuir significativamente para a saúde mental e o desenvolvimento acadêmico dos estudantes.

Sob a perspectiva da Geografia da Saúde, o conceito de "lugar" transcende o aspecto físico, abrangendo também as relações sociais e culturais que o definem. Portanto, iniciativas que promovam a criação de ambientes acolhedores e seguros no contexto escolar podem reduzir índices de ansiedade, melhorar o desempenho acadêmico e fortalecer o desenvolvimento pessoal e profissional dos alunos.

A experiência documentada em "A Salinha" é um exemplo inspirador de como a comunidade escolar pode se organizar para transformar o ambiente em um espaço de suporte emocional e segurança, sugerindo caminhos para a replicação desse modelo em outras instituições educacionais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDREW, L. et al. **What makes a space safe? Consumers' perspectives on a mental health safe space.** 25 maio 2023.
- AZHAR, M. et al. Determination of Levels of Anxiety and its Association with Demographic Characteristics of Adolescent Girls in Secondary Schools of Lahore. **Pakistan biomedical journal**, p. 11–15, 30 jun. 2023.
- BRASIL. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. **Dispõe sobre pesquisas envolvendo seres humanos.** Diário Oficial da União, Brasília, DF, 12 dez 2012.
- CURTIS, S. **Space, Place and Mental Health.** [s.l.] Routledge, 2016.
- GESLER, W. M. **Healing places.** Lanham (Md.): Rowman & Littlefield, 2003.
- ITZCHAKOV, G.; WEINSTEIN, N. High-Quality Listening Supports Speakers' Autonomy and Self-Esteem when Discussing Prejudice. **Human Communication Research**, v. 47, n. 3, p. 248–283, 13 jun. 2021.
- KEARNS, R.; COLLINS, D. Health geography. In: BROWN, T.; McLafferty, S.;
- MCCANN, S.; BARTO, J.; GOLDMAN, N. Learning Through Story Listening. *American Journal of Health Promotion*, v. 33, n. 3, p. 477–481, mar. 2019.
- MOON, G. (Eds.) **Debates in medical and health geography: A companion to health and medical geography.** Chichester, West Sussex: Wiley-Blackwell, 2009. p. 15-32.
- KEARNS, R.; MILLIGAN, C. Placing therapeutic landscape as theoretical development in Health & Place. **Health & Place**, p. 102224, dez. 2019.
- MIYA, Y. Y. et al. ANXIETY EFFECT ON STUDENTS AND PERFORMANCE IN BIOLOGY: A CASE STUDY AMONG SECONDARY SCHOOLS IN SOKOTO CITY, NIGERIA. **IJIET (International Journal of Indonesian Education and Teaching)**, v. 7, n. 2, p. 283–294, 13 jul. 2023.
- SANTANA, M. V. de M.; CERQUEIRA-SANTOS, E.. **Avaliação de ansiedade infanto-juvenil e sua relação com o clima familiar e escolar.** *Rev. Subj.*, Fortaleza, v. 14, n. 1, p. 141-151, abr. 2014. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2359-07692014000100013&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692014000100013&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 28 fev. 2024.
- VAN DER GRAAF, P. Feeling at Home and Habitus: How Space Matters for Emotions. **Die Ambivalenz der Gefühle**, p. 19–39, 2015.
- YURKINA, L. V.; SHUMAKOVA, S. A. Relationship between School Anxiety and Academic Performance among Primary School Students. **Pedagogika. Voprosy teorii i praktiki**, n. 9, p. 909–915, out. 2022.